

Problemas nos equipamentos de raio X do pronto-socorro do Hospital de Base atrasam atendimento. Ambulâncias fazem viagens de ida e volta com os doentes até o Hran

Lotação para levar pacientes

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

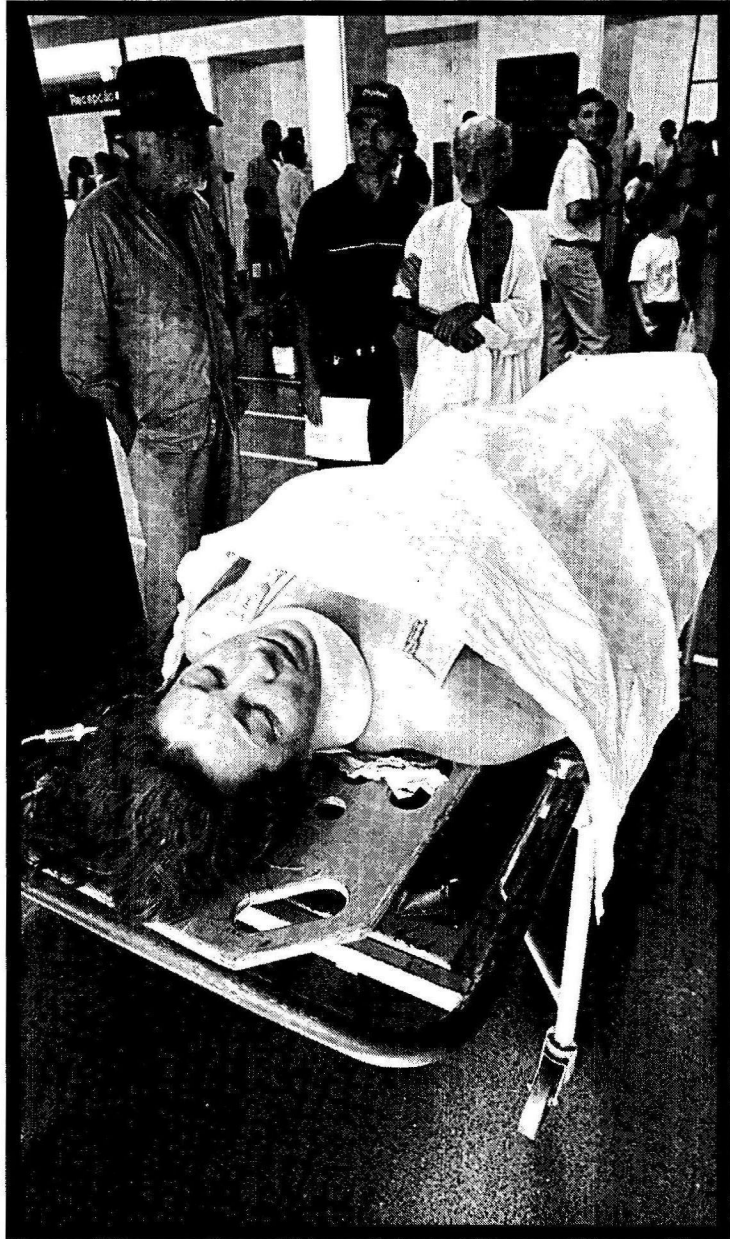
Uma lotação atípica cumpre o caminho entre o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) e o Hospital Regional da Asa Norte (Hran), diariamente. Sentados ou deitados em macas, seguem pacientes do HBDF que precisam fazer exames de raio X. Radiografias prontas, eles tomam a ambulância no Hran para voltar ao Hospital de Base, onde serão diagnosticados. Desde quinta-feira, quando as máquinas de radiografia do pronto-socorro do maior hospital do DF pifaram, o leva-e-trás de pacientes entre os dois hospitais vem sendo adotado.

No sábado, às 15h45, entre os pacientes da lotação do raio X, viajavam um garoto de 11 anos que machucou o braço em uma partida de futebol, um rapaz de 18 anos que levou um tombo de bicicleta e uma mulher de 24 anos que sofreu um acidente de carro na Bahia. “É uma humilhação”, bradava a funcionária pública Marlene Pontes, 45, a mãe do menino do futebol. “Descaso com quem não tem dinheiro para pagar plano de saúde”, completava Wallace Herculanio Ferraz, o rapaz do tombo de bicicleta.

As dores impediam Keila Mara Vargas, a moça do acidente, de reclamar do atendimento da rede pública brasileira. Durante o percurso entre os dois hospitais, ela emitiu alguns gemidos e permaneceu praticamente o tempo todo de olhos fechados. “Chegamos aqui às 13h20, e até agora os médicos não puderam examiná-la porque não tem o aparelho do raio-X”, desesperava-se a acompanhante de Keila. O acidente, no município de Luís Eduardo Magalhães, a 600km do DF, havia ocorrido 14 horas antes das duas tomarem a lotação do raio X no HBDF.

O problema no equipamento tem obrigado as ambulâncias do Hospital de Base a fazer pelo menos 20 viagens entre os dois hospitais, por dia. Além dos pacientes, um técnico de raio X vai na ambulância para conduzir o exame no outro hospital. Quando os pacientes estão com a saúde estável, é costume que espe-

Fotos Carlos Vieira



DUPLO SOFRIMENTO: VÍTIMA DE ACIDENTE NA BAHIA, KEILA VARGAS AGUARDA NA MACA A HORA DE SEGUIR VIAGEM PARA OS EXAMES NO HRAN



DENTRO DA AMBULÂNCIA LOTACÃO, KEILA SEGUE EM COMPANHIA DOS OUTROS PACIENTES QUE ESTAVAM NA FILA PARA O RAIOS X NO HOSPITAL DE BASE

rem em uma ante-sala até que os chefes de equipe dos dois hospitais acertem o horário de saída da lotação. O procedimento atrasa o atendimento dos doentes no mínimo em 40 minutos, o que, de acordo com médicos do próprio Base, pode ser crucial dependendo do quadro de saúde apresentado.

Sobrecarga

A emergência do HBDF possui apenas duas máquinas de radiografia. Uma delas está quebrada há mais de um mês, a outra parou de funcionar na quinta-feira. Na medida do possível, os exames vinham sendo feitos nas três

máquinas de raio X do ambulatório, mas desde o início da semana passada elas começaram a apresentar defeitos por causa da sobrecarga. A demanda do pronto socorro é de mais de 300 exames por dia, por pacientes que sofrem com problemas ortopédicos, respiratórios e cardíacos.

O contrato de manutenção dos equipamentos venceu em maio de 2002 e até hoje não foi renovado. “Já está na fase final, os documentos estão no jurídico, só faltam as assinaturas”, justifica o subsecretário de Atenção à Saúde, Mário Sérgio Nunes. Ele afirma que desconhecia a prática de transportar pacientes em am-

bulâncias para os exames de raio X mas, ainda assim, argumenta que o procedimento é feito para garantir o atendimento. “Tenho certeza que essa foi a solução menos agressiva para contornar o problema”, diz. Segundo Nunes, as máquinas voltarão a funcionar ainda hoje. A Secretaria de Saúde pediu que a empresa de manutenção fizesse o conserto em caráter de emergência.

De acordo com o subsecretário, o GDF está providenciando a compra de nove equipamentos de raio X. Cada um tem o custo médio de R\$ 80 mil. A expectativa do GDF é de que o processo de licitação seja concluído em

dois meses. Praticamente todos os 30 aparelhos de raio X da rede apresentam problemas de funcionamento, porque têm mais de dez anos de uso.

Em maio desse ano, a ortopedia do hospital de Base do DF chegou a ser fechada durante dois dias por causa de defeitos nos aparelhos de raio-X. Na ocasião, centenas de pacientes ficaram sem atendimento. Referência no atendimento de politraumatizados, o HBDF passou a atender só os doentes em estado grave. Os demais foram encaminhados aos Hospitais Regionais do Gama, Ceilândia, Taguatinga e Sobradinho.